

A MÁSCARA E A COR: É POSSÍVEL LIBERTAR A HISTÓRIA DAS IMAGENS POR MEIO DE IMAGENS?

Elane Abreu de Oliveira ¹

RESUMO

A história das imagens é permeada por visibilidades e invisibilidades derivadas da supremacia de raça e arraigadas por teorias que inferiorizam corpos negros. Em vista disso, herdamos narrativas visuais muitas vezes equivocadas quando se pretende representar pessoas negras, especialmente em fotografias e retratos, pois estes reforçaram paradigmas ideológicos da diferença racial (WILLIS, 2016; ROTH, 2009). Faz-se urgente, a partir dessa consciência histórica, o estudo e a crítica contínua das imagens que herdamos – da escravidão aos dias atuais. A pergunta inicial deste trabalho surge do pensamento provocado por duas imagens recentemente trabalhadas em dois projetos distintos: a de *Anastácia Livre*, obra do artista visual Yhuri Cruz; e a de *Machado de Assis Real*, realização da Faculdade Zumbi dos Palmares. A primeira imagem representa Anastácia sem máscara, convocando-nos a ver seu rosto liberto, desacoplado da iconografia colonial. A segunda imagem retrata Machado de Assis negro, distinguindo-se da fotografia historicamente reproduzida do escritor cuja pele foi instituída como branca. Nestas imagens/projetos, são notórios os desejos de “corrigir”, “reparar”, “libertar” esses personagens de uma injustiça histórica, construída no passado. De um lado, temos em jogo uma mulher escravizada, a Anastácia de biografia incerta - talvez filha oriunda de uma família real angolana, talvez uma princesa nagô -, que veio parar no Brasil. De outro, temos um homem literato de grande prestígio nacional, sendo um dos escritores mais consagrados do Brasil. A máscara de Anastácia cai e a cor de Machado se converte nas propostas visuais que aqui mencionamos. Ambos são elementos simbólicos importantes para que se “revise” a história que imputaram a esses personagens. Surge a provocação: é possível libertar a história das imagens por meio de imagens? A possibilidade técnica de reprodução de ambos os retratos é direcionada para a recriação, o reconhecimento ou recondução da memória desses personagens, abrindo perspectivas distintas do olhar colonizado. Com base em escritos como os de bell hooks (2019), Grada Kilomba (2019), Lília Schwarcz (2017), Marcus Wood (2013), dentre outros, busca-se neste texto problematizar as imagens (retrato/ilustração e fotografia) como “contranarrativas visuais” e gestos decoloniais, observando nelas alternativas para livrar/reparar nossas representações antepassadas do determinismo racial e imagético.

Palavras-chave: Imagem. História. Retrato. Liberdade. Reparação.

Simpósio Temático: Narrativas negras: imagens e som.

¹ Professora do Magistério Superior, doutora, UFCA, elane.abreu@ufca.edu.br, Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil.